



Comentário Exegético de Jeremias 7-13 (KJA)

"Da voz do profeta ao coração do leitor" — Uma análise acadêmica versículo a versículo dos capítulos 7 a 13 do livro de Jeremias, segundo a King James em Português (KJA).

[Iniciar Leitura](#)

[Sobre o Autor](#)

Introdução: Contexto Histórico-Cultural (c. 627-586 a.C.)

O Cenário Político

O ministério de Jeremias se estende de aproximadamente 627 a.C. até após a queda de Jerusalém em 586 a.C. A ascensão da Babilônia como potência hegemônica representou pressão crescente sobre o pequeno reino de Judá. O rei Joaquim e os sacerdotes do Templo, contudo, ignoraram sistematicamente os avisos proféticos, confiando em alianças políticas em vez de na aliança divina (cf. Würthwein 2023, p. 112).

O Contexto Teológico

A reforma "covenant-litúrgica" promovida pelo rei Josias (2 Crônicas 34) havia reintroduzido a Torá ao povo, mas sem a correspondente internalização espiritual. Brueggemann (2024, § 5) destaca que a reforma foi externa e ritual, sem transformação do coração — exatamente o diagnóstico que Jeremias articulará com crescente urgência ao longo destes capítulos. O profeta emerge, portanto, não como inovador, mas como fiel intérprete da aliança mosaica diante de uma nação em colapso moral e espiritual.

Jeremias 7:1-5 – O Chamado ao Templo

JEREMIAS 7:1-5

Verso 1: A Fórmula Profética

"Assim diz o Senhor" — esta expressão, conhecida como *Botenformel* (fórmula do mensageiro), é a marca registrada da autoridade profética na tradição hebraica. Na KJA (2022, p. 45), a tradução preserva o peso da expressão original hebraica *koh amar YHWH*, sinalizando que o profeta não fala em nome próprio, mas como porta-voz do Deus do Êxodo e da Aliança. Jeremias posiciona-se à entrada do Templo — um ato deliberadamente provocador.

Versos 3-4: Crítica ao Sacrifício Externo

"Não confie na tua sabedoria" — a expressão aponta para a ilusão da segurança institucional. O povo repetia "Templo do Senhor, Templo do Senhor" como um mantra mágico, crendo que a presença física do santuário os protegia automaticamente das consequências morais de suas ações. Sabrina de Paula (2025) identifica aqui uma crítica contundente à religiosidade performativa: o templo havia se tornado um fetiche em vez de um lugar de encontro genuíno com o Deus vivo.

Contexto Exegético Ampliado

O "Sermão do Templo" (Jer 7–10) é considerado um dos textos proféticos mais ousados do Antigo Testamento. Jeremias denuncia a contradição entre a frequência ao culto e a prática da injustiça social — uma tensão que ecoa em Amós 5:21-24 e Isaías 1:11-17. A autenticidade da adoração é medida pela transformação ética do adorador.

Jeremias 7:6-10 – Advertência ao Povo

JEREMIAS 7:6-10

Esta perícopes representa o núcleo ético do Sermão do Templo, articulando a relação indissolúvel entre culto genuíno e justiça social na teologia deuteronômica.

Verso 7 — "Não se Enganem"

A metáfora do "covil de salteadores" (antecipada em Jer 7:11) estabelece que o Templo se tornara um lugar de refúgio para a impunidade, não para o arrependimento. A corrupção sacerdotal era tão sistêmica que o próprio santuário havia sido contaminado pela desumanização dos mais vulneráveis — o estrangeiro, a viúva e o órfão. A advertência divina é direta: a presença de Deus não pode ser manipulada como escudo contra as consequências do pecado coletivo.

Versos 9-10 — Promessa Condicional

"Se obedeceres, permaneceréis" — esta estrutura condicional ecoa diretamente a teologia das bênçãos e maldições de Deuteronômio 28. A permanência na terra prometida não era garantida de forma incondicional; ela dependia da fidelidade da aliança. Jeremias resgata esta memória fundante do povo de Israel para confrontar a falsa teologia da segurança incondicional que prevalecia em sua época. A obediência ética não era opcional — era constitutiva da identidade do povo da aliança.

Jeremias 7:11-14 – "Covil de Salteadores"

JEREMIAS 7:11-14

Análise do Termo Hebraico

"Covil de salteadores" (Heb. *בֵּית גֹּזֵל* / *bêt gozêl*) — o substantivo *gozêl* deriva da raiz *gaza*, que significa "roubar com violência". O Templo, que deveria ser a "casa de oração" (*bêt tefillah*), havia sido transformado num esconderijo que legitimava a exploração do próximo. A mesma terminologia aparece em 2 Reis 23:10 na descrição do altar de Baal em Tófete, sugerindo que o Templo havia atingido um nível de profanação comparável ao da idolatria explícita.

A Citação de Jesus (Mateus 21:13)

Ao purificar o Templo, Jesus cita diretamente esta passagem de Jeremias, combinando-a com Isaías 56:7: "A minha casa será chamada casa de oração, mas vós a tendes feito covil de salteadores." Esta citação revela a continuidade hermenêutica entre os dois profetas e demonstra como Jeremias funcionou como um "texto de referência" para a crítica profética do culto degenerado. A ação de Jesus no Templo é, portanto, um ato exegético tanto quanto um gesto profético.

Jeremias 7:15-20 – O Povo Ignora o Aviso

JEREMIAS 7:15-20

→ Verso 18 — Paralelismo com Isaías 1:13

"Mas eu não os ouvirei" — a resposta divina ao clamor de um culto pervertido ecoa o famoso versículo de Isaías: "Não me tragais mais oblações vãs." Em ambos os textos, o silêncio de Deus diante do ritual não é abandono arbitrário, mas consequência lógica de uma relação que o próprio povo havia corrompido. A oração e o sacrifício que ignoram a ética social não chegam diante de YHWH — esta é uma afirmação teológica central da tradição profética de Israel.

→ Verso 20 — A Profecia de Desolação

"A terra se tornará desolada" — esta declaração profética encontrou cumprimento histórico concreto na destruição de Jerusalém em 586 a.C. pelo exército de Nabucodonosor. A historiografia bíblica (2 Reis 25; Jeremias 52) e a evidência arqueológica convergem para confirmar a devastação sistemática do reino de Judá. O profeta não fala em abstração poética, mas em aviso literal fundamentado na dinâmica da aliança: a ruptura com YHWH tem consequências históricas verificáveis.

Jeremias 8:1-5 – O Lamento da Desolação

JEREMIAS 8

Verso 2 — "A Terra Chorar"

A personificação da terra como sujeito do luto é uma figura poética de extraordinária força. Jeremias emprega aqui o recurso literário hebraico do *qinah* (metro do lamento fúnebre — 3+2), o mesmo utilizado em Lamentações 1:12: "Vede se há dor semelhante à minha dor." A terra que deveria pulsar com a vida da aliança agora se contorce em agonia pela infidelidade de seus habitantes. Esta imagem antecipa a teologia paulina da criação que "geme e sofre dores de parto" (Romanos 8:22).

Verso 5 — O Falso Refúgio

"Os que se refugiam nas cidades" — Jeremias subverte aqui a instituição das "cidades de refúgio" estabelecidas em Números 35, que originalmente serviam para proteger o inocente acusado de homicídio involuntário. No contexto de sua geração, as cidades haviam se tornado refúgio para os culpados, não para os inocentes. A corrupção das instituições protetoras revela a profundidade da crise ética: quando as estruturas de proteção se tornam instrumentos de impunidade, o colapso social é inevitável.

Jeremias 8:6-12 – A Injustiça Social

JEREMIAS 8

Verso 7 — Alusão ao Sacrifício Humano

"Os que se alimentam de sangue" — a expressão remete ao contexto do sacrifício de crianças a Moloque em Tófete (Levítico 18:21), prática que havia penetrado na sociedade judaíta durante os reinados idólatras. O profeta utiliza esta imagem para denunciar a desumanização econômica e religiosa: aqueles que deveriam ser pastores do povo o consumiam como vítimas sacrificiais. A exploração dos pobres é equiparada à prática do sacrifício humano — uma acusação devastadora.

Verso 12 — "Os que se Alegram no Mal"

"Os que se alegram no mal" — o eco de Salmo 73:3-4 é notável: "Eu tinha inveja dos arrogantes, vendo a prosperidade dos ímpios." Jeremias e o salmista compartilham a mesma perplexidade teodocênica diante do sucesso aparente dos injustos. No entanto, enquanto o salmista resolve a tensão na contemplação do santuário (Sl 73:17), Jeremias aponta para o julgamento histórico iminente como a resposta divina à prosperidade dos violentos. A alegria no mal é temporária; o juízo é certo.

Jeremias 8:13-22 – A Soberania de Deus

JEREMIAS 8

Este bloco literário combina a reafirmação majestosa da soberania divina com a antecipação da devastação — uma tensão que percorre todo o livro de Jeremias e constitui seu traço teológico mais característico.

Verso 13 — Reafirmação da Aliança

"Eu sou o Senhor, o Deus de Israel" — a fórmula de auto-apresentação divina (*Selbstvorstellungsformel*) que ecoa a tradição do Êxodo (cf. Êxodo 20:2) e antecipa a nova aliança de Jeremias 31:33: "Eu serei o seu Deus." A reafirmação da identidade divina em meio ao julgamento não é contradição, mas sinal de que o mesmo Deus que pune é o Deus que redimirá. A soberania de YHWH não é suspensa pela infidelidade humana.

Versos 20-22 — Ação Simbólica Paralela

"A terra será desolada" — o paralelismo com Ezequiel 4:6 é academicamente significativo. Ambos os profetas contemporâneos utilizam o simbolismo numérico para representar o período do castigo divino. Ezequiel encena o julgamento corporalmente; Jeremias o articula verbalmente. Em conjunto, eles formam um quadro profético complementar da mesma realidade teológica: o exílio não é acidente histórico, mas consequência deliberada da ruptura da aliança, administrada pelo Deus soberano da história.

Jeremias 9:1-5 – O Lamento Pessoal do Profeta

JEREMIAS 9

"Ai de mim! O meu coração está pesado" — Jeremias 9:1 (KJA)

Verso 1 — A Linguagem do Lamento

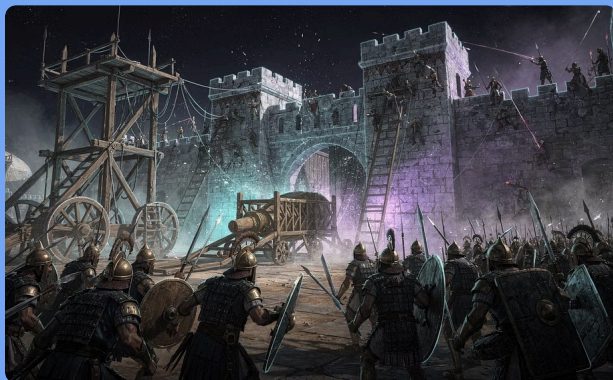
A abertura do capítulo 9 representa um dos momentos de maior vulnerabilidade emocional em toda a literatura profética. A expressão de lamento — "Ai de mim!" (*mi-yiten* em hebraico, literalmente "quem me dará?") — é idêntica à fórmula de desejo impossível usada no Salmo 22. Jeremias chora não por si mesmo, mas pelo povo que ama e que marcha inexoravelmente em direção à autodestruição. Ele é o profeta que sofre junto com aqueles a quem denuncia.

Versos 4-5 — A Crise da Verdade

"Não há justiça, nem verdade" — a dissolução do tecido social é descrita em termos de uma crise epistêmica e ética simultânea. A palavra hebraica *emet* (verdade/fidelidade) é o mesmo termo que define o caráter de YHWH em Êxodo 34:6. Quando a comunidade abandona a *emet* divina, a confiança interpessoal colapsa. Jeremias descreve uma sociedade em que o vizinho engana o vizinho e o irmão defrauda o irmão — um retrato da anomia social que antecede inevitavelmente o colapso político.

Jeremias 9:6-12 – A Profecia da Destruição

JEREMIAS 9



Verso 7 — O Prefiguramento Histórico

"A terra será assolada" — academicamente, esta expressão prefigura o cerco assírio de Senaqueribe em 701 a.C., quando quarenta e seis cidades de Judá foram destruídas e mais de 200.000 pessoas deportadas, segundo os Anais de Senaqueribe. Embora Jerusalém tenha escapado milagrosamente naquela ocasião (2 Reis 19), o padrão histórico estabelecido preparava a compreensão teológica da destruição definitiva de 586 a.C. A história se torna pedagogo da profecia.



Verso 12 — O Castigo Divino

"Eu os castigarei" — o termo hebraico *מַעֲנֵה* (*ma'aneh*), aqui traduzido como "castigo", carrega a conotação de resposta ou retribuição — um conceito de justiça retributiva que está enraizado na estrutura da aliança sinaitica. O castigo divino não é caprichoso; é a resposta proporcional e justa ao abandono deliberado das obrigações da aliança. Esta teologia do juízo, longe de ser primitiva, representa uma sofisticada reflexão sobre a relação entre liberdade humana e consequências morais dentro de uma cosmologia teísta.

Jeremias 10:1-5 – Contra a Idolatria dos Gentios

JEREMIAS 10

Versos 2-3 — Os Ídolos de Prata e Ouro

A polêmica antiidolátrica de Jeremias 10 é uma das mais elaboradas do Antigo Testamento, rivalizando com Isaías 44 e o Salmo 115. A comparação com 2 Crônicas 33:5, em que Manassés instalou ídolos no próprio Templo, revela que a idolatria não era fenômeno externo, mas havia penetrado até o coração do culto javístico. A expressão "prata e ouro" (*keseph vazahav*) aponta para ídolos manufaturados pelo engenho humano — uma inversão perversa da criação: o criado tornando-se criador de seus próprios deuses.

Verso 5 — Só YHWH Tem Ruach

"Não tem espírito" — o argumento teológico central desta perícopa é pneumatológico: os ídolos carecem de *ruach* (espírito/sopro vital). Em contraste com YHWH, que soprou o fôlego de vida em Adão (Gênesis 2:7) e que enche o profeta com seu Espírito, os ídolos são *elilim* — "nadas", "nulidades". Esta argumentação antecipa a sofisticada crítica filosófica da idolatria desenvolvida pelos apologistas cristãos dos séculos II e III d.C., enraizada diretamente nesta tradição profética.

Jeremias 10:6-9 – A Soberania de YHWH

JEREMIAS 10



Verso 7 — Criador da Terra

"Ele fez a terra por seu poder" — a fórmula criacional ecoa Salmo 104:24: "Quão numerosas são as tuas obras, ó Senhor! Tu as fizeste todas com sabedoria." A soberania de YHWH sobre a criação é o fundamento ontológico de sua soberania sobre a história. Porque ele criou o cosmos, ele pode dirigir as nações; porque ele sustenta a existência, os ídolos — que nada criaram — não têm autoridade. A cosmologia javística é, portanto, a base da pneumatologia e da historiologia proféticas.



Verso 9 — A Eternidade Divina

"Ele não se cansa" — a imutabilidade e inesgotabilidade de YHWH são apresentadas em contraste implícito com os deuses das nações, que dependem do cuidado e alimentação ritual de seus adoradores. Na teologia do Antigo Oriente Próximo, os deuses precisavam ser alimentados pelos sacrifícios humanos para manter sua força. YHWH, ao contrário, é a fonte de toda energia e vida — ele não necessita de nada, mas tudo sustenta. A KJA (2022, p. 78) preserva com precisão este contraste teológico fundamental, essencial para a apologética monoteísta de Jeremias.



Síntese Teológica

A comparação entre YHWH e os ídolos em Jeremias 10 não é meramente polêmica — é uma afirmação positiva da teologia javística: Deus é incomparável (*mi-khamokha*, Êxodo 15:11), eterno, criador, soberano e vivo. Enquanto os ídolos são produtos da habilidade humana e da riqueza material, YHWH é o sujeito ativo da história que julga as nações e liberta o seu povo. Esta distinção é o coração do monoteísmo bíblico.

Jeremias 11:1-5 – A Aliança Renovada

JEREMIAS 11

1 Versos 1-2 — Escutai a Aliança

"Escutai a aliança" — o imperativo plural (*shim'u*) é um apelo à assembléia inteira, evocando o contexto litúrgico da renovação da aliança. A referência ao "pacto de Davi" (2 Samuel 7) é subliminar neste contexto: não apenas a aliança sinaitica, mas toda a estrutura da esperança messiânica está em jogo. A desobediência de Israel não era apenas moral — era uma traição à vocação histórico-salvífica do povo escolhido para ser luz às nações (Isaías 42:6). Jeremias convoca o povo a reencontrar sua identidade mais profunda.

2 Versos 4-5 — Bênção e Maldição

"Se obedecerdes, prosperareis" — o princípio da bênção-maldição codificado em Deuteronômio 28 é aqui reativado com urgência pastoral. A formulação condicional não implica que a graça de Deus seja meramente transacional; antes, revela a estrutura relacional da aliança: obediência é a resposta de amor ao amor divino previamente manifestado no Êxodo. Ao evocar este princípio, Jeremias não introduz legalismo, mas convoca Israel a redescobrir a lógica do amor de aliança que fundamenta toda a sua existência como nação.

Jeremias 11:6-7 – A Traição dos Líderes

JEREMIAS 11

Verso 6 — A Conspiração Sacerdotal

"Os sacerdotes e profetas conspiram" — o paralelo com 1 Reis 22, em que os quatrocentos profetas de Acabe conspiraram contra a mensagem verdadeira de Micaías, revela um padrão recorrente: o profetismo de corte tende à acomodação do poder. Os líderes religiosos de Jeremias haviam feito aliança com o poder político e econômico, abandonando sua função profética de desafiar o status quo em nome da justiça de YHWH. Esta cooptação das instituições religiosas pelo poder temporal é um fenômeno que cada geração deve examinar criticamente.

Verso 7 — A Entrega aos Inimigos

"Eu os entregarei nas mãos dos inimigos" — a declaração divina encontrou cumprimento histórico preciso e documentado na invasão babilônica de 597 e 586 a.C. A primeira deportação levou à Babilônia o rei Joaquim e a elite intelectual e religiosa de Jerusalém (incluindo o jovem Ezequiel). A segunda destruiu o Templo e a cidade. O cumprimento histórico das profecias de Jeremias serviu nas gerações seguintes como fundamento para a confiança na confiabilidade das promessas de restauração contidas no mesmo livro (Jer 29:10-14; 31:31-34).

Jeremias 12:1-5 – O Questionamento do Profeta

JEREMIAS 12

"Por que o caminho dos ímpios prospera? Por que vivem em paz todos os que agem com perfídia?" — Jeremias 12:1 (KJA)

Verso 1 — A Questão da Teodiceia

"Por que o justo sofre?" — a queixa de Jeremias insere-o na grande tradição da teodiceia bíblica que inclui Jó (Jó 1), vários salmos de lamento (Sl 44, 73, 88) e Habacuque. A pergunta não é evidência de falta de fé, mas de uma fé madura que ousa apresentar suas perplexidades diretamente a Deus. A teologia bíblica distingue esta "*disputa*" honesta com Deus do murmúrio ingrato. Jeremias, como Jó, recebe resposta — não a resposta que esperava, mas uma resposta que aprofunda sua compreensão do mistério divino.

Versos 4-5 — A Resposta Misteriosa

"Deus responde: Eu sou o que sou" — o eco de Êxodo 3:14 (*ehyeh asher ehyeh*) é profundamente significativo. YHWH não responde à pergunta sobre o sofrimento justo com uma explicação filosófica; ele responde com uma auto-revelação. O nome divino — "EU SOU" — afirma que a existência e o caráter de Deus são a única resposta suficiente ao mistério do mal. Além disso, Deus desafia Jeremias com a pergunta retórica: "Se correndo com peões te cansas, como competirás com cavalos?" — convidando-o a uma fé que cresce através do conflito, não apesar dele.

Jeremias 12:6-8 – A Resposta Divina

JEREMIAS 12



Verso 6 — A Metáfora Botânica

"Eu te fiz como a árvore plantada" — a metáfora da árvore é recorrente em Jeremias (ver também Jer 17:8 e Jer 23:1). A árvore plantada junto a águas representa a pessoa enraizada em YHWH — estável diante das tempestades, frutífera nas estações de seca. A metáfora botânica funciona aqui como promessa de resiliência pastoral: Jeremias enfrentará traição familiar e perseguição institucional (os homens de Anatote planejavam matá-lo, Jer 11:21), mas sua vida está enraizada em algo que a hostilidade humana não pode arrancar.



Verso 8 — A Imutabilidade Divina

"Eu não mudarei de ideia" — a afirmação da imutabilidade divina (*immutabilitas Dei*) deve ser lida no contexto imediato: YHWH não vai reverter seu decreto de julgamento por pressão ou manipulação. A KJA (2022, p. 102) traduz com precisão a expressão hebraica que denota firmeza de propósito. Teologicamente, esta imutabilidade não é rigidez estóica, mas fidelidade absoluta ao seu próprio caráter e palavra. O mesmo Deus que não muda na decisão de julgar é o Deus que não muda na promessa de restaurar — como revelará majestosamente em Jeremias 31:31-34.

Jeremias 13:1-5 – O Cinto de Linho

JEREMIAS 13

Versos 1-2 — Simbolismo do Cinto

O "cinto de linho" (*ezor pishtim*) constitui o primeiro de uma série de atos proféticos simbólicos que caracterizam o ministério de Jeremias e o aproximam de Ezequiel. O linho (*pishtim*) era o tecido dos sacerdotes (Levítico 16:4) e um símbolo de pureza ritual. A instrução divina para que Jeremias usasse este cinto diretamente sobre a pele — sem lavá-lo — estabelece a intimidade da relação original entre YHWH e Israel: o povo era destinado a estar em contato direto, íntimo e constante com o seu Deus, como o cinto ao redor dos rins. Cf. Ezequiel 16:8, em que a mesma intimidade nupcial é evocada.

Versos 4-5 — A Corrupção Ilustrada

"Se o cinto se sujar, será inútil" — a instrução para enterrar o cinto junto ao Eufrates e posteriormente recuperá-lo apodrecido é uma parábola da corrupção sacerdotal e nacional. Israel, como o cinto, havia sido moldado para aderir intimamente a YHWH, mas o contato com as "águas" da cultura babilônica e da idolatria o corrompeu. A putrefação do cinto não é acidente — é consequência do contexto errado. A missão de Jeremias era chamar o povo a voltar ao "contato direto" com YHWH, abandonando o ambiente que os corrompeu.

Jeremias 13:6-11 – O Julgamento Final

JEREMIAS 13

Versos 6-7

O cinto é recuperado apodrecido — simbolizando Israel corrompido pelo contato com a idolatria e com os costumes das nações vizinhas. Assim como o "cinto de couro" de Isaías 20 representava o cativo egípcio, o cinto de linho de Jeremias representa a inutilização de Israel para seus propósitos divinos.

Versos 10-11

"Eu os lançarei fora" — a declaração prefigura diretamente o exílio babilônico descrito em Jeremias 52. A imagem do cinto inútil jogado fora completa a metáfora: Israel havia perdido sua função como "reino de sacerdotes" (Êxodo 19:6) por sua infidelidade sistemática. O exílio é, portanto, não apenas punição, mas perda de identidade vocacional.

1

2

3

Verso 10

"Este povo mau" — a expressão *ha'am hare'* denota a gravidade moral da situação. A recusa em ouvir a palavra divina e a persistência em seguir a dureza do próprio coração (*sherrirut libbam*) é a caracterização hebraica do pecado como endurecimento progressivo da consciência moral e espiritual.

📄 **Nota Exegética:** A sequência dos atos simbólicos em Jeremias 13 (cinto, jarras de vinho) revela um método pedagógico deliberado: o profeta encena a mensagem para contornar a resistência racional do ouvinte e atingir o nível da imaginação e das emoções — uma estratégia retórica de extraordinária sofisticação para o século VI a.C.

Conclusão: Aplicação Contemporânea

O chamado de Jeremias à "adoração autêntica" — enraizada na aliança viva e expressa em justiça social — ressoa com urgência renovada nas comunidades de fé contemporâneas (cf. Hebreus 10:25). A mensagem dos capítulos 7 a 13 transcende seu contexto histórico imediato para articular princípios perenes de fidelidade da aliança.

Desafio à Igreja Contemporânea

Abandonar a religiosidade superficial e performativa — o "Templo do Senhor" repetido como mantra — em favor de uma espiritualidade que transforma relações, estruturas e práticas sociais concretas. A aliança viva de Jeremias 31:33 começa no coração, mas necessariamente se manifesta na ética pública.

Esperança que Renasce

O mesmo Jeremias que anunciou o julgamento proclamou a nova aliança (Jer 31:31-34), o retorno do exílio (Jer 29:10-14) e a plantação de nova vida (Jer 17:8). O profeta do lamento é também o profeta da esperança inextinguível — porque o Deus que julga é o mesmo Deus que restaura e que escreve sua lei nos corações renovados.

"Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito." — Romanos 8:1 (KJA)

Jônatas Silva da Cruz
Teólogo | Exegeta Bíblico